

## AGRADECIMENTOS

Aos nossos pais, nossos primeiros catequistas;  
a todos os catequistas;  
e aos nossos amigos colaboradores:  
Alexandre Lima Vittorazzi,  
Altierrez Sebastião dos Santos,  
Gabriel Trettel da Silva,  
P. Luiz Alves de Lima,  
Marlene Maria Silva,  
P. Paulo Cesar Gil,  
Roberta Natalia Biagio Bossi,  
Ricardo Giombelli,  
Romeo Prior.

*In memoriam:*

D. Joaquim Justino Carreira,  
D. Joel Ivo Catapan,  
D. Paulo Evaristo Arns,  
P. Gaetano Tarquizio Bonomi,  
Diác. Otto Luiz Martins Nunes.

## APRESENTAÇÃO

A Igreja, a serviço do Evangelho, mistério de Deus Pai na história humana, guiada e sustentada pelo Espírito Santo, centra-se no ser e no agir de Jesus Cristo. O caminho que ela é chamada a percorrer é o caminho do humano. Estar a serviço da humanidade constitui a sua missão fundamental. É o serviço, portanto, que deve fundamentar todas as suas opções, estruturas e projetos.

A Igreja, comunidade de fé e de serviço, encontra sua inspiração e modelo em seu Senhor e Mestre, que “esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo” (Fl 2,7). Servo dos servos, Jesus assumiu a doação de si mesmo como caminho de realização e salvação do humano. Esvaziando-se a si mesmo, Ele nos enriqueceu com sua Graça Salvadora.

Por meio do total despojamento de si, o Senhor fez-se “Poder e Sabedoria” revelados no amor serviçal e na doação da própria vida. Foi assim que o Senhor nos salvou. É assim que a Igreja continua sua obra de salvação no mundo: servindo a Deus e aos seus filhos e filhas, para que todos participem da comunhão de vida que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito.

Como membros vivos da Igreja, os catequistas estão mergulhados no mistério do Senhor e da Igreja.

Junto à mesa de Cristo, que em toda Eucaristia nos serve a sua Palavra, o seu Corpo e o seu Sangue, os catequistas são “discípulos amados” (Jo 13,23) que, “reclinando-se ao coração de Cristo” (Jo 13,25), escutam sua voz a palpitar: “Eu lavei os pés de vocês... Eu, o Senhor e o Mestre... Eu lhes dei o exemplo” (Jo 13,14.15.17).

Os catequistas, suscitados pelo Espírito Santo, são na Igreja ministros de Cristo e da sua Palavra, chamados a despertar a fé pelo anúncio do Evangelho e a acompanhar seus irmãos e irmãs no processo de amadurecimento da fé e da inserção na comunidade.

Este livro quer ser um instrumento eficaz para que a comunidade ame e valorize ainda mais o ministério do catequista, e para que os próprios catequistas, filhos prediletos da Igreja, reflitam sobre a grandeza de sua vocação, ministério e missão, e façam seu coração arder de amor por Cristo, pela Igreja e por todos a quem se dedicam com laboriosa generosidade.

*D. Sergio de Deus Borges*  
Bispo Auxiliar de São Paulo  
Vigário Episcopal para a Região Episcopal Santana

# INTRODUÇÃO

Jesus, em sua missão profética, deixa sua casa e percorre diferentes lugares para evangelizar e catequizar. Ele sabe que o tempo é escasso e que a missão é árdua. Para esse trabalho vocacional, catequético e missionário convida alguns homens e algumas mulheres para segui-lo mais de perto e ajudá-lo na missão (Lc 8,1-3), e escolhe também um grupo de doze para que pudesse assumir alguns ministérios (Mc 3,13-18). Após a sua morte e ressurreição, particularmente após a vinda do Espírito Santo, nos deixa a sua Igreja como sinal de sua presença entre nós.

A catequese é parte fundamental da missão da Igreja. Ela inicia o cristão na vida comunitária eclesial, lugar onde vai viver e aprofundar a sua adesão de fé por meio de um processo de iniciação na vida da Igreja. Assim expressou o Papa Bento XVI no Discurso de Abertura da V Conferência de Aparecida: "Um grande meio para introduzir o povo de Deus no mistério de Cristo é a catequese. Nela se transmite de forma simples e substancial a mensagem de Cristo".<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus; Paulinas/ Brasília: Edições CNBB, 2007, p. 274.

Para tão importante serviço, a Igreja conta com a ajuda de muitas mulheres e homens de boa vontade que, chamados por Deus, assumem na comunidade a missão de evangelizar ou anunciar, de serem catequistas.

É sobre essa figura essencial para o processo de iniciação à vida cristã que iremos tratar neste livro. Os catequistas, por serem discípulos missionários de Cristo a serviço da evangelização, são, na Igreja, mistagogos e pedagogos de Deus, e têm uma função de confiança dentro da comunidade, pois são fundamentais para que a Igreja garanta o direito de seus fiéis conhecerem a Boa-Nova do Reino, o Evangelho de Cristo.

A Igreja é enriquecida pelos diversos dons e carismas infundidos nela pelo Espírito Santo. Ao reconhecer o ministério dos catequistas que assumem com mais dedicação a tarefa indispensável de iniciar novos membros na vida cristã, a própria Igreja estará fortalecendo de maneira dinâmica a sua ação evangelizadora. Assim, ela atinge os seus objetivos de maneira organizada, planejada e com recursos adequados, para que os cristãos encontrem a pessoa de Jesus Cristo e conformem a sua vida à vida dele, sendo autênticos discípulos missionários.

A pessoa do catequista pode ser abordada sob vários aspectos. Neste livro, trataremos especificamente da sua vocação, do seu ministério e da sua missão na Igreja e no mundo. Catequistas foram sempre fundamentais em todas as etapas da história da Igreja. Com seu serviço, possibilitaram, ao longo dos séculos, um processo de construção permanente de

educação da fé. As dificuldades presentes nos mais diversos momentos histórico-culturais provocaram-lhes situações difíceis, mas sempre estiveram fiéis ao seu compromisso de formar a comunidade cristã, alicerçando a resposta de fé de seus membros.<sup>2</sup>

Os catequistas sempre se dedicaram de modo específico ao serviço da Palavra de Deus, tornando-se porta-vozes da experiência cristã em suas comunidades. Sem a força atuante e testemunhal de tantos catequistas, talvez muitas pessoas não fizessem a experiência da vida cristã. A Igreja, para cumprir boa parte de sua ação missionária evangelizadora, sempre contou com catequistas conscientes da missão de ensinar e evangelizar.

Conhecer os catequistas e o seu trabalho no seio da comunidade é muito importante para perceber e reconhecer que eles são, antes de tudo, pessoas que escutaram e atenderam ao chamado de Deus. Os catequistas são ministros chamados por Jesus para despertar e cultivar a fé daqueles que estão iniciando a sua caminhada de vida cristã. Ao serem chamados e enviados, os catequistas se tornam humildes servidores da comunidade, tendo a autoridade do serviço e do testemunho, longe de qualquer esquema de poder e de dominação, mas com espírito de fraternidade comunitária.

No primeiro capítulo, abordaremos tópicos da história da Igreja, especialmente da catequese, a atuação dos catequistas e como se dava a catequese nos

---

<sup>2</sup> RECALDE, R. L.; PEDROSA ARÉS, V. M. "O catequista". In: PEDROSA ARÉS, V. M. (dir.). *Dicionário de catequética*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 193.

dois milênios de sua história. Contemplaremos de maneira mais expressiva o período após o Vaticano II, que deu à Igreja um novo dinamismo, principalmente no que tange à questão ministerial, com a sua insistência ao retorno às fontes do início do cristianismo.

No segundo capítulo, apresentaremos de maneira geral o que são os ministérios na Igreja, sua origem, seu ideal cristão e as diferenciações entre ministérios ordenados e ministérios não ordenados. Compreendendo ministério como um serviço diaconal, veremos que a Igreja é convocada a tomar consciência da sua natureza servidora do ministério da salvação, para se tornar integralmente ministerial.

No terceiro capítulo, descreveremos a vocação e o ministério dos catequistas e as suas características próprias no âmbito da missão da Igreja, pois todo ministério visa à construção do povo de Deus e relaciona-se intimamente com a identidade missionária da Igreja, que existe para continuar a missão de Jesus Cristo. O ministério catequético será apresentado como um serviço reconhecido e instituído pela Igreja para realizar e expressar o ser missionário, para colaborar na sua ação evangelizadora.

Desejamos de todo coração que a leitura deste livro ajude você, querida irmã e querido irmão catequista, a amadurecer a sua vocação, o seu ministério e o sentido de pertença à Igreja e à sua missão, e a aprofundar o seu compromisso com o crescimento da fé e a evangelização das pessoas que buscam a iniciação à vida cristã na comunidade paroquial da qual fazem parte. Coragem!

# 1

## **A CATEQUESE NA VIDA E NA HISTÓRIA DA IGREJA**



*“O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não os esconderemos a seus filhos, nós contaremos à geração seguinte” (Sl 78,3-4).*

A Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, do Papa João Paulo II, afirma que a catequese é “uma experiência tão antiga como a Igreja”. Por consequência, o catequista também é um personagem tão antigo quanto ela, já que está intimamente ligado ao fazer catequético na Igreja.<sup>1</sup>

O objetivo deste capítulo é explicar como a catequese foi se fazendo na história da Igreja e, conseqüentemente, quem é o catequista e como exercia seu ministério nas várias etapas da evangelização. Um primeiro dado que surge da reflexão histórica da

---

<sup>1</sup> Este primeiro capítulo foi elaborado principalmente com base nos estudos e documentos de: ALBERICH, E. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. São Paulo: Salesiana, 2004, p. 23-101; ALVES DE LIMA, L. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 19-133; BOLIN, A., GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 15-219; CARVALHO, H. R. *Ministério do catequista: elementos básicos para a formação*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 103-120; CELAM. *Manual de catequética*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 59-115; CNBB. *Catequese renovada: orientações e conteúdo* (Documentos da CNBB, n. 26). São Paulo: Paulinas, 1986, n. 1-29; CNBB. *Ministério do catequista* (Estudo da CNBB 95). São Paulo: Paulus, 2008, p. 22-31; NERY, I. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 53-104.

catequese é que, mesmo sendo sempre o educador da fé, as expressões do modo de ser catequista variam conforme os arranjos históricos e culturais nos quais está inserido, assumindo diversas realidades.<sup>2</sup>

Não pretendemos aprofundar a história da catequese. De acordo com esses diversos contextos, vamos apenas delinear, nas etapas da história, como era feita a catequese e quem eram os catequistas.

É interessante mencionar que a catequese enquanto disciplina é relativamente nova. Embora, em 399, Santo Agostinho escreva o famoso tratado *Instrução aos Catecúmenos* e, em 1406, Jean Gerson escreva *Como conduzir os jovens a Cristo*, não se pode afirmar que esses escritos são considerados "obras propriamente catequéticas". Podemos dizer que a disciplina enquanto tal aparece em 1774, quando o monge beneditino Rautenstrauch oferece um projeto bem elaborado de *Catequética* à imperatriz Maria Tereza da Áustria, e ela introduz nas escolas de Teologia do Império Austro-Húngaro o ensino da catequética como disciplina. Porém, somente no final do século XIX é que vai consolidar-se como estudo teológico-pastoral.

A catequese, nesse período, assume o caráter escolar, isto é, a interação entre aluno, livro e os catequistas como mestres. Os catecismos tidos como manuais de perguntas e respostas colaboravam com essa maneira de fazer catequese. Além do mais, a ins-

---

<sup>2</sup> RECALDE, R. L.; PEDROSA, V. M. "O catequista". In: PEDROSA, V. M.; NAVARRO, M.; LÁZARO, R., SASTRE; J. *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 193.

trução religiosa também acontecia na escola, dada pelos professores aos seus alunos.

A periodização da história, isto é, a divisão do conjunto da história em fases ou períodos, é objeto de controvérsia, pois pode haver tantas outras divisões possíveis quanto houver pontos de vista diferentes, sejam eles culturais, etnográficos ou ideológicos. Por isso, não há como definir um padrão único de períodos históricos.

No entanto, a periodização ajuda na compreensão do processo histórico, ordenando os acontecimentos segundo uma sequência sistemática, lógica e objetiva. A periodização da catequese que utilizaremos está baseada nas notas históricas do livro *A catequese na vida da Igreja*, de dois sacerdotes italianos, Antonio Bollin e Francesco Gasparini.

A obra apresenta os quatro momentos de evangelização que vamos chamar de “Idade”, para se evitar algum conflito conceitual entre catequese e evangelização. Partindo desses autores, podemos periodizar a catequese na Igreja de acordo com as quatro idades históricas: Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Exploraremos as peculiaridades de cada uma delas nas seções a seguir.

### **1.1. Idade Antiga: do século I ao século IV**

O início da catequese cristã está enraizado nos três primeiros séculos, quando, pela pregação dos apóstolos, o cristianismo se difundiu rápida e silenciosamente pelo Império Romano. Foi um período marcado por prisões e martírios. Particularmente, os anos de 70-130 foram de intensa perseguição para

os cristãos, mas isso não impediu que a mensagem de Cristo fosse além do Império Romano, chegando à Mesopotâmia, ao Egito e à Armênia.

O martírio é visto como “a perfeição da vida cristã”, exatamente por ser a prova suprema da caridade pela qual alguém chega a identificar-se plenamente com Cristo [...]. Nas primeiras comunidades, os mártires gozavam de grande estima. Seu exemplo de vida era um poderoso estímulo para a vivência do Evangelho, e sua vitória, uma certeza de proteção celeste.<sup>3</sup>

Os catequistas desses primeiros séculos são os apóstolos e discípulos de Jesus que, por meio do anúncio do querigma e da pregação litúrgica, evangelizavam os povos, conquistando novos seguidores de Cristo. Nesse início de evangelização, podemos destacar alguns escritos que foram muito importantes: *Didaqué* ou *Doutrina dos Apóstolos*, as sete *Cartas de Santo Inácio de Antioquia* e a *Epístola de São Clemente* de Roma. No início do cristianismo, como relatam os Atos dos Apóstolos (At 13,1), aqueles que eram denominados doutores representaram o que chamamos hoje de catequistas.

Dentre esses escritos, sobressai a *Didaqué*. É um documento catequético do fim do primeiro século, elaborado pelos cristãos das origens, praticamente na mesma época em que foram compostos os livros do Novo Testamento. É uma fonte primeira para a

---

<sup>3</sup> MATOS, H. C. J.; SATLER, F. A. *Iniciação à espiritualidade cristã para leigos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2008, p. 31.

pesquisa e o estudo das origens do cristianismo. Nele encontram-se informações preciosas sobre a iniciação cristã, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades cristãs.<sup>4</sup>

O núcleo principal da catequese dessa época é o querigma, isto é, o anúncio da morte e ressurreição de Cristo para a libertação do pecado e da morte, sustentado pelo testemunho dos discípulos. A história da salvação também integra o trabalho catequético juntamente com os ensinamentos morais da vida nova em Cristo e a progressiva compreensão e inserção na comunidade eclesial, por meio da iniciação sacramental e a vivência do mistério eucarístico.

Nos séculos terceiro e quarto, em consequência dos dois séculos anteriores, surgiu uma das experiências mais ricas da Igreja, no que se refere à catequese: o catecumenato, caracterizado pela forte experiência catequético-litúrgica, orientada à vivência do mistério cristão em profunda comunhão entre a fé e a vida. Outra nota importante do catecumenato é o acompanhamento pessoal e a preparação processual com vistas ao mergulho do candidato adulto no mistério de Cristo e da Igreja. Esse processo se desenvolve especialmente nos sacramentos da iniciação cristã. O catecumenato é expressão dos ricos dinamismos e experiências do cristianismo das origens, e permanece como critério inspirador para a catequese.

Os catequistas nesse período eram chamados de *doutores* (seja padre ou leigo), aqueles que ministram

---

<sup>4</sup> DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 3.

a instrução. A figura do bispo marca essa catequese catecumenal, pois ele, como o sucessor dos apóstolos, acolhe na comunidade cristã os catecúmenos. A catequese mobilizava gradualmente o candidato para participar da vida cristã na comunidade eclesial, cuja vida de testemunho de fé e de experiência do mistério pascal de Cristo era parte essencial dos conteúdos catequéticos, proporcionando uma íntima relação entre a catequese e a comunidade.

Porém, no final do século IV, o catecumenato entrou em decadência, devido à grande procura pelo batismo, que passou a ser um direito. O tempo de preparação foi reduzido, perdendo-se o significado dos sinais litúrgicos (a mistagogia). Nesse período, ou até um pouco antes, iniciou-se o batismo de crianças, abandonando-se cada vez mais o processo catecumenal.

Esses primeiros séculos foram fundamentais para toda a história que se seguiu, pois neles encontramos os fundamentos teológicos e, conseqüentemente, catequéticos para todo processo de evangelização posterior. No final desse período e início da Idade Média, encontramos a elaboração doutrinal das verdades de fé do cristianismo e sua defesa contra os ataques dos “pagãos” e contra as heresias. Nos primeiros séculos do cristianismo, estão as bases de todo o ensino da Igreja. É às fontes das primeiras comunidades cristãs que a Igreja é convocada a voltar sempre, para revitalizar-se e continuar sua missão.

## **1.2. Idade Média: século V ao século XIV**

O Ocidente assistiu, em 476, ao desabamento do Império Romano que, sendo cada vez mais domi-

nado pelos “povos do Norte”, vai se modificando com a presença de soldados e camponeses “migrantes do Norte”, os quais vão ascendendo na escala social do Império. Ocorre um novo movimento evangelizador voltado para essa população. Nesse movimento, quando um dos chefes ou príncipes convertia-se à fé cristã, todo o seu povo o acompanhava. O cristianismo sofreu também essa consequência, pois alguns povos invasores, como os francos, os anglos e os saxões, eram pagãos. Outros, como os visigodos, ostrogodos, vândalos e burgúndios, professavam a fé cristã ariana.

Nesse cenário, a Igreja católica teve uma dupla missão: evangelizar os “povos do Norte” e converter os arianos. Isso foi feito pela catequese dos monges beneditinos. O encontro da Igreja com os “povos do Norte” proporcionava um novo salto no processo de inculturação da fé cristã na Europa Ocidental. Pode-se dizer que trata-se de uma terceira cultura a estabelecer um diálogo com o Evangelho: a primeira é a cultura do povo judeu, matriz cultural onde nasce o cristianismo; a segunda é a cultura do mundo greco-romano; e a terceira é a cultura dos povos germânicos.

Com a queda do Império Romano no Ocidente, inicia-se a Idade Média (476). A Igreja vai de encontro aos povos migrantes do Norte (impropriamente chamados de bárbaros) com o Evangelho e a obra evangelizadora. É um dos grandes momentos de inculturação da fé cristã no Ocidente: o cristianismo, nascido e desenvolvido